

Longevidade e Mídia - Construindo Saberes¹



Vera Maria Antonieta Tordino Brandão

Beltrina Côrte

Resumo: Este artigo apresenta o resultado de pesquisa e análise documental sobre acervo dos editoriais da Revista Portal de Divulgação, periódico eletrônico, no período 2010-2014. Buscou mapear as tendências da Gerontologia Social; apontar novos desafios na área; identificar os princípios que norteiam a publicação. Foi realizada recolha sistematizada dos 43 editoriais pertinentes ao período; leitura e análise crítica do acervo. O resultado indicou linha teórica, filosófica e social fiel à proposta inicial da revista, desvelando a complexidade dos temas que se articulam na perspectiva interdisciplinar, base necessária na educação continuada para a construção da Cultura da Longevidade e sua divulgação em mídia aberta.

Palavras-chave: longevidade, educação continuada, mídia.

¹ Artigo derivado dos estudos realizados no estágio pós-doutoral realizado no Programa de Estudos Pós Graduated em Gerontologia – PUC/SP, no período 2014-2015, no tema Longevidade, Educação Continuada e Mídias, com a supervisão da Prof^a Dra. Beltrina Côrte.

A Revista Portal de Divulgação – publicação trimestral em mídia aberta implantada em agosto de 2010 - é parte do site Portal do Envelhecimento (2007-atual), e tem mantido compromisso de periodicidade com seus leitores. Seu objetivo é publicar trabalhos e relatos de experiências na área do envelhecimento, além de entrevistas, depoimentos, resenhas e crônicas, não necessariamente de caráter acadêmico, que possam trazer à reflexão o sentido da existência humana. Destacamos o espaço dado aos idosos, considerando-os produtores culturais, fazendo ouvir a voz interior que nos fala sobre o viver e o envelhecer.

No primeiro editorial, de agosto de 2010, já se afirmava como diretriz da publicação:

Um espaço virtual destinado à divulgação sobre o que se está pensando, fazendo e pesquisando sobre o envelhecimento, a velhice e a longevidade, a fim de que nossa sociedade fique mais informada e se prepare para melhor viver esta etapa da existência humana, sempre na perspectiva do ser que envelhece. Como seu caráter é de divulgação, seus artigos são mais simples, curtos e de maior entendimento à população em geral. Pretende ser um ótimo veículo de comunicação e dar voz às práticas sociais e pesquisas, sem a aridez das revistas tecnocientíficas [...] um espaço aberto que aceita continuamente colaborações que dê voz às práticas, reflexões e pesquisas de nossos leitores sobre nosso envelhecer².

A revista utiliza o *Open Journal Systems* (OJS 2.4.2.0), sistema de código livre gratuito para a administração e a publicação de revistas, desenvolvido com suporte e distribuição pelo *Public Knowledge Project* (PKP) sob a licença *GNU General Public License*. O sistema oferece acesso imediato ao seu conteúdo, seguindo princípio de disponibilizar gratuitamente conhecimentos científicos ou derivados de práticas gerontológicas relevantes à sociedade, proporcionando democratização do conhecimento. O sistema de código aberto aprimora a qualidade, alcance e indexação de publicações acadêmicas, e é o mais utilizado no Brasil para gestão e publicação de revistas científicas ou de divulgação, o OJS (SERRANO 2014).

O acervo da Revista Portal de Divulgação no período analisado (2010-2014) é composto de 41 edições, com 318 artigos; 37 reflexões; 15 relatos de experiência; 12 entrevistas; 10 crônicas e 9 resenhas.

Este trabalho é recorte sobre os documentos arquivados, privilegiando a análise dos 43 editoriais no período referido, tendo como metodologia a pesquisa e análise documental, ainda pouco utilizada na análise de

²Disponível em: <http://www.portaldoenvelhecimento.com/revista-nova/index.php/revistaportal/article/view/29/29>. Acesso em: 30 mai. 2015.

documentos não históricos, retratando o panorama e possível caminho para o conhecimento de área determinada.

Nas análises documentais buscou-se a pertinência dos resultados alcançados e as tendências que apontam na abertura de novos campos de estudo, lembrando que nessas análises ficam também evidentes as fragilidades das leituras, que podem resvalar para critérios subjetivos que, desvelados criticamente, impulsionam a continuidade das pesquisas na área (LUDKE; ANDRÉ, 1986; BARDIN, 2002; MAY, 2004).

Os editoriais têm como objetivos: informar, sensibilizar e despertar os leitores para os temas envelhecimento e longevidade, por meio de síntese introdutória; articular comentários entre os diferentes artigos; refletir sobre questões críticas surgidas das reflexões dos editores e propostas aos leitores, sistemática que busca exercer a função social própria a todo veículo de comunicação.

A publicação tem outro importante objetivo: ser meio de educação continuada não formal, na medida em que se engaja na perspectiva de abertura de novos espaços de construção de conhecimentos, comunicação e diálogo por meio virtual, contexto no qual se destaca a possibilidade aberta a trabalhos científicos formais, produzidos na graduação e pós-graduação, conclusão de curso (TCC), relatos de experiências e reflexões, como incentivo às primeiras escritas formais. Em uma mesma edição pode ser estabelecido um diálogo formador entre trabalhos iniciais com escritos científicos convencionais, ampliando a troca de saberes e experiências, e em muitos se escuta a “voz do idoso” que relata o próprio processo de envelhecimento e suas questões.

Aberta ao diálogo interdisciplinar, a revista eletrônica insere-se na realidade imperativa da sociedade atual. Os meios digitais oferecem a ambiguidade de, por um lado, serem a tecnologia que inventa/ cria novos modos de relacionamentos, mas nos quais a corporeidade não se faz presente, afastando-se do princípio do *gesto*, como primeiro grau de comunicação (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 80).

Por outro, instrumentaliza a população para conhecimento gerador de novas possibilidades de viver e envelhecer, divulgando novidades tecnológicas e soluções práticas que colaboram na manutenção da independência dos idosos, e apoio aos familiares. Afirma Martín-Barbero (2014, p. 80) que “as transformações no modo como circula o saber constitua uma das mais profundas transformações que uma sociedade pode sofrer”.

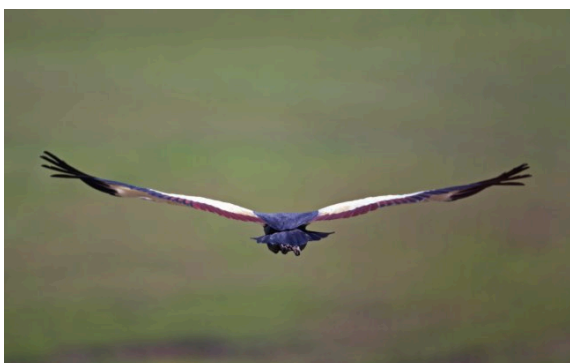
As transformações passam também a ser constitutivas da cultura, meio no qual se expressam e comunicam de muitos modos os humanos. Plena de signos e significados que nos constituem e constroem - processo que se retroalimenta com a apreensão, interpretação e devolução pessoal ao meio. Desde os esboços/desenhos nas cavernas pré-históricas, passando pelas narrativas orais de criação do mundo, com seus rituais de confirmação, até os mais modernos instrumentos de comunicação virtual, tudo foi construído pelos

humanos e volta como em uma ciranda, sempre com novos signos e significados.

A interface entre cultura e comunicação é “uma relação de inclusão recíproca que faz que um fenômeno de cultura funcione também como processo de comunicação; ou que um modo de comunicação seja igualmente uma manifestação da cultura” (CAUNE, 2014, p. 8).

Assim, a construção da Cultura da Longevidade, linha mestra da publicação, propõe a face que espelha os sentidos/significados nos muitos modos de viver e envelhecer, ideia/ideal partilhada no espaço virtual pela linguagem,

O lugar privilegiado que lhe é concedido deve-se ao fato de que a fala humana é o instrumento com o qual o ser humano modela seu pensamento, exprime seus sentimentos, manifesta suas emoções. Pela linguagem, ele exerce sua influência e é influenciado por outros membros da comunidade [a linguagem] é o fundamento da sociedade humana, tanto no plano de sua identidade como no de sua evolução (CAUNE, 2014, p. 21).



Análise Documental a “Voo de Pássaro”

Utilizamos a metáfora do “voo de pássaro” para caracterizar o olhar panorâmico sobre o acervo, destacando as palavras-chave e temas prevalentes nos títulos dos editoriais. Ao olhar de longe parece que pouco se vê, mas, como os pássaros de sentidos aguçados, buscamos sempre entrever aquilo que é essencial.

Vislumbramos um caminho pavimentado por pequenas pedras/palavras, indicativas da direção proposta na cartografia do saber gerontológico, como indícios para a análise, destacando-se os termos longevidade e longeviver; vida e viver, seguidos de envelhecimento e velhice.

Nesse primeiro olhar analisamos os temas em perspectiva integrativa, em seguida construímos com as outras pedras-chave três núcleos de análise:

- 1) O primeiro diz respeito a grandes temas a serem aprofundados porque bases sobre as quais podemos construir um conhecimento gerontológico consistente. São eles: as construções sociais sobre a velhice; os modos de morar/a morada dos desejos; a delicada questão sobre morte e transcendência; a busca nas memórias identitárias dos sentidos da vida; e o diálogo para informação, na escuta da polifonia de vozes: idosos, profissionais, familiares.

2) O segundo núcleo traz as linhas de força para a construção do saber sobre o longeviver por meio da educação continuada, que prevê diálogos abertos em espaços de encontro institucionais, informais e virtuais, considerando a Revista elo forte nessa corrente pelas articulações entre teoria e prática, favorecendo a expressão dos indivíduos em processo de envelhecimento em mídia de livre acesso. Os termos/desafios que se destacam são: aprender, pensar, refletir, saber e fazer, ser e saber, educação continuada e formação do profissional interdisciplinar.

3) Como terceiro núcleo agrupamos as qualidades e/ou atitudes desenvolvidas ou a desenvolver pela sociedade, na busca do longeviver de qualidade: coragem, responsabilidade, solidariedade, cuidado, respeito, olhar sensível, criatividade, integração, aceitação da diversidade, liberdade e ética.

Destacamos também os temas das edições temáticas, indicando a complexidade e necessidade de novas reflexões: olhares e imagens do envelhecimento no cinema; envelhecimento e sexualidade; odontogeriatria; cuidados e cuidadores; relacionamento intergeracional; memória autobiográfica e significados de festas populares; o amor e vida; educação continuada; envelhecimento e literatura.

A partir do sobrevoo, e posterior mergulho, estabelecemos os núcleos de análise, passos seguintes nesse processo: Diálogo; Educação Continuada e Formação Profissional Interdisciplinar; Longevidade e Mídias; Respeito, Cuidado e Solidariedade.

O Mergulho

A metáfora do mergulho, pensando no voo dos pássaros, é aqui utilizada na perspectiva de seus significados: a busca de coisas essenciais - alimento e materiais para construção do ninho, necessidades básicas também dos humanos - alimento e moradia - na busca dos elementos que nutram e acolham as reflexões. Ao nos aproximarmos de dois termos que se desdobram - longevidade e longeviver - constatamos a ligação com envelhecimento e velhice, considerando que não existe diferença entre eles, mas uma nuance nos significados: envelhecimento é termo genérico que se refere ao ciclo vital - do nascimento à morte - e velhice ao período já específico da vida, não necessariamente por marcas etárias, mas por processos biológicos.

O biólogo Haiy flick (1996) alerta para que a idade cronológica - aquela medida a partir da data do nascimento - nem sempre está diretamente ligada à idade biológica, pois um indivíduo de 50 anos cronológicos pode ter idade biológica de 60 anos, ou seja, pode ter mais comprometimentos na área da saúde em geral, muitas vezes ainda não aparentes, do que indivíduos bem mais velhos.

O inverso também se aplica: um indivíduo de 80 anos, medidos cronologicamente, pode ter idade biológica mais jovem de pelo menos 10 anos! Só que essa "medida" ainda é, segundo os pesquisadores, difícil de ser

verificada objetivamente, por meio de exames laboratoriais ou outros. Segundo ele “é provável que as mudanças relacionadas à idade comecem em diferentes partes do corpo em momentos diferentes e que o ritmo anual de mudança varie entre várias células, tecidos e órgãos, bem como de pessoa para pessoa” (HAYFLICK, 2006, p. 5).

Essa observação lança luz a duas importantes questões: uma ligada à força da marca etária que faz com que, em nossa sociedade, todo o indivíduo de 60 anos seja um velho, no sentido pejorativo do termo, que determina e marca o início do declínio das capacidades físicas, psicológicas e sociais. Outra se encontra no campo do Direito já que o Estatuto do Idoso, elaborado a partir de lei promulgada em 2003, estabelece que ele é “destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos” (BRANDÃO; MERCADANTE, 2009).

O termo longevidade, de utilização mais recente, procura designar os muitos anos que se anunciam após a idade legal, incluindo o período da quarta idade, ou longevidade avançada com crescente população de octogenários, nonagenários e centenários.

A longevidade é decorrente do progresso que impactou o capital humano, no qual uma das mudanças notáveis foi a das tecnologias de ponta, característica marcante da sociedade atual e panorama no qual os tempos de passagem foram alargados: a vida adulta se inicia mais tarde, devido à falta de qualificação aliada às exigências no mercado de trabalho; o aumento de aposentadorias tardias, ou recontrações – pela disposição e competência de profissionais acima de 65 anos; além do impacto direto dos progressos das ciências, com destaque para a área da saúde.

O termo longeviver é recorrente nos editoriais, destacando sua composição: longe e viver. A vida é um caminho que trilhamos todos, com facilidade ou aos tropeços, na maior parte das vezes simultaneamente, e ao viver apreendemos a vida – desde o início da consciência, na tenra infância, até o final. Desejamos que ela seja longa - viver muito e bem, perspectiva da cultura da longevidade – vida plena em processo - criativa, digna, ética, solidária e cidadã para todos, desde sempre e para sempre.

Descobertas

1. Diálogo

Após explorar as primeiras evidências dos significados das pedras-palavras, prosseguimos e encontramos outros termos/temas que dizem do processo de vida, das construções sociais sobre a velhice, os preceitos e preconceitos, os modos e desejos de morar, que remetem às questões da desigualdade social, da construção pessoal da vida, das oportunidades que não são oferecidas ou desperdiçadas, por falta de conhecimento, medo, inércia, da família que se formou ou deixou de formar.

Na análise realizada examinamos cuidadosamente os documentos indicados, recorrendo diretamente às fontes primárias das quais extraímos trechos pontuais, não assinalados por que mesclados com reflexões que se impuseram e sobre as quais realizamos uma reescrita, buscando indicar as bases constitutivas da publicação.

As questões primeiras indicam que possíveis respostas, ante a complexidade do tema, só podem surgir do diálogo que pressupõe as falas e a escuta, verdadeiras e sensíveis, que encontrem ressonância e sentido nas partilhas.

Como indica Savater (1998 p. 44):

Ninguém é sujeito na solidão e no isolamento, sempre se é sujeito *entre* outros sujeitos: o sentido da vida humana não é um monólogo, mas provém do intercâmbio de sentidos, da polifonia coral. Antes de mais nada, a educação é a revelação dos outros, da condição humana como um concerto de cumplicidades inevitáveis.

Como elaborar estratégias objetivando oferecer espaços de diálogo na educação e cuidado ao longo da vida que considere integralidade do ser? Apenas leis de proteção, e seus dispositivos institucionais, não garantem a desejada longevidade com qualidade, pois muitos são os fatores que fragilizam os indivíduos ao longo da vida, e duplicam o sofrer dos mais velhos – nos aspectos biológicos, psicológicos, sociais e existenciais. Essa realidade exige atendimento e cuidado multidisciplinar e multiprofissional no planejamento, e interdisciplinar na ação de atenção e cuidados. Os profissionais, de diferentes áreas, mesmo bem formados, não podem enfrentar sós as complexidades expressas pelo ser humano ao longo da vida, especialmente os mais fragilizados com a passagem do tempo.

A formação continuada de profissionais, de familiares e idosos, e a articulação de seus saberes, fazem surgir o reconhecimento próprio e do outro – gerador da empatia – sentimento que pode indicar e favorecer uma mudança social e novos modos de enfrentamento das condições adversas no processo de envelhecer. Aprendemos ao longo da vida, e mantendo o espírito aberto a novas experiências podemos favorecer, sem medos e preconceitos, a cultura da longevidade.

2. Educação Continuada e Formação do Profissional

O longeviver com qualidade é a meta. Para alcançá-la devemos dialogar, trocar, construir, compartilhar, pois educação é comunicação e diálogo e não transferência de saber. É encontro de sujeitos que buscam as significações e sentidos, expressos na e pela linguagem.

A educação continuada, como expressa nos editoriais, é processo de aprendizagem e formação permanente, articulando conhecimentos formais e informais em diferentes idades; da abertura para troca de experiências e conhecimentos diversos; do respeito à diversidade; do diálogo e parceria.

Valorizar a construção de saberes em rede, como responsabilidade social, destaca os saberes-fazer de todos os cidadãos na constante busca de melhores soluções frente à complexidade inerente a todas as etapas da vida. Objetiva-se a mudança na implantação de projetos inovadores, para transformar e construir novo imaginário social a respeito das diferentes fases da vida, favorecendo as trocas intergeracionais e subsidiando a construção e efetivação de políticas públicas adequadas.

Abordar a educação continuada, na perspectiva da formação do profissional reflexivo (SCHON, 2007), é desafio que se impõe aos que buscam conhecimentos na sociedade atual, de comunicação em tempo real – aqui/agora – que impele ao consumo constante de informações, submetidas “à lógica do mercado”, que não temos tempo de apreender e, conseqüentemente, de elaborar e transformar em saber consistente (JAPIASSU, 1995).

Segundo Schon (2007), o ensino prático reflexivo é elemento-chave na educação profissional, ponte entre o mundo acadêmico e os desafios do cotidiano profissional. No processo de instrumentalizar conhecimentos e práticas, perde-se o fator surpresa - visto como “falha” ou falta de competência - que pode nos encaminhar para a reflexão na ação, processo no qual nos deparamos com o denominado “conhecimento emancipatório”, contexto crítico que se imponha ao “consenso de resignação e razão indolente”, de aceitação ante a homogeneização decorrente das globalizações, que afeta toda a formação (SANTOS 2000).

A surpresa ante o novo, decorrente de situações inesperadas, de falhas e hesitações é parte do cotidiano de todos os profissionais, que devem estar preparados para exercitar a prática reflexiva: o que fazer? Acreditamos que a educação continuada, na perspectiva crítica e interdisciplinar, aliando teoria e prática em diferentes áreas, é caminho para a compreensão ampliada que facilite a ação em processo.

A Gerontologia é área do saber que fornece instrumentos e referenciais analíticos para os profissionais e acumula vasta produção científica, vinculadas à vida cotidiana dos milhões de brasileiros idosos, com questões relacionadas à identidade e subjetividade, às trocas sociais e afetivas, à saúde, à previdência social, ao trabalho, à família e às políticas públicas, dentre outras.

Devemos ousar construir conhecimento em rede com fios da intuição, imaginação, criatividade, relação, mesclando estilos, procedimentos, aberturas para espaços do fazer, articulando os conceitos aprendidos e as experiências vividas. Acreditamos que o exercício de descobrir, construir, aprender e ensinar é individual e coletivo no movimento da escuta sensível de nós mesmos e dos outros, “pois o segredo está na intenção da troca” (FAZENDA, 2001, p. 22).

O projeto de educação continuada deve ter sentido para os participantes que buscam renovação ou início do caminho do conhecimento - aventura de descobertas -, que implica diálogo, parceria, respeito e integração de intersubjetividades, desafios que exigem clareza dos objetivos, tempo de

reflexão e de espera, no qual seja praticada a difícil arte da humildade ante o saber-fazer dos demais e diante das limitações recíprocas (FAZENDA, 2001).

Ela pode favorecer mudanças de atitudes, dos profissionais e da sociedade, na implantação de projetos inovadores para transformar, positivamente, o cotidiano dos mais longevos; construir um novo imaginário social a respeito da velhice, estimulando a sociabilidade e a autonomia possíveis e indicar caminhos do envelhecimento como uma fase que pode ser plena de novos desafios, pressupostos para o desenvolvimento e contínua construção da cultura da longevidade, envolvendo profissionais, famílias e idosos, como expressa nos editoriais.

A educação continuada em Gerontologia é tarefa exigente. As questões teóricas indicam a imperiosidade da apreensão do processo de envelhecimento como questão complexa, baseadas em saberes de diferentes áreas - sociologia, psicologia, antropologia, serviço social, economia, política, direito, biologia, filosofia, entre outras - para compreensão abrangente e substantiva. Saberes que devem ser pensados nas relações e interfaces próprias da interdisciplinaridade. Refletir sobre o envelhecimento e a velhice, nessa perspectiva, sugere o desenvolvimento de novo olhar, novo pensar sobre os vários significados e dimensões do longeviver.

3. Longevidade e Mídias

O acesso democrático ao conhecimento em mídia aberta é um dos principais objetivos do Portal do Envelhecimento e da Revista Portal de Divulgação, e uma das apostas na educação continuada na construção da cultura da longevidade, visando ultrapassar a lógica entre o que se promete, e o que se cumpre. Acreditamos que o poder não está no ter, mas no saber. O saber igualitário é arma poderosa na reivindicação e aplicação dos direitos conquistados, caminho para a formação ao longo da vida na perspectiva existencial, a educação como revelação dos outros e da condição humana.

A divulgação de novos saberes, experiências, reflexões e questionamentos a respeito do envelhecimento e longevidade humanos, por meio da Revista Portal de Divulgação e seus editoriais, busca questionar e discutir a formação acadêmica e os projetos de educação continuada seja para os profissionais ou para a sociedade, incluindo a participação ativa dos idosos, sob a égide da ética e solidariedade, na partilha de saberes e experiências que possam ser apropriadas de modo democrático – de todos para todos.

Afirma Martín-Barbero (2014) que as palavras são as mediadoras desses saberes, vetores de possíveis encontros, que buscam outras palavras-respostas ao chamamento ao diálogo, que podem desvelar os laços sociais que nos constituem e sustentam, propiciando o encontro e “posse coletiva e comunitária do mundo”.

O domínio da fala/palavras nos fez humanos, tecendo a cultura com fios expressivos dos nossos medos, desejos, sonhos e realidades. Delas são feitas as questões que nos movem, pois a busca de resposta se traduz na busca de

sentidos, mais ou menos claros, ao longo da vida. É no seu poder que se apoia o diálogo, busca de entendimento, compreensão e ampliação de horizontes (LARROSA, 2015).

Segundo Mariotti (1999) a palavra livre, criadora e comprometida com seu significado profundo, se insere na busca do conhecimento dirigido a uma vida plena. A liberdade, neste sentido, não é a ausência de disciplina e regras mínimas, mas a de veicular informação na busca do bem comum, que pressupõe o “êxito de nossa integração social” (SAVATER, 1998). Os autores indicam que a “liberdade de aprender” se torna realidade ao divulgar conteúdos para a reflexão social sobre os temas que envolvem, entre outros, a longevidade humana.

A diversidade na abordagem ao tema envelhecimento tem sido a marca da Revista Portal de Divulgação, e os editoriais não indicam simplesmente os artigos apresentados, mas articulam os conhecimentos por eles trazidos – um trabalho de ‘artesanato intelectual’ - buscando tecer a trama do saber gerontológico interdisciplinar.

Nessa perspectiva, o envelhecimento é visto e apresentado como fato natural no curso de vida, mas não homogêneo, pois diversos fatores influenciam o número de anos e como serão vividos. Os fatores genéticos são fundamentais, mas podem ser influenciados pelo modo, tempo e lugar no qual a vida transcorre. Esse universo complexo, e ainda desconhecido do longeviver, encontra nos editoriais analisados clara expressão, pela diversidade de temas e abordagens, indicando abertura a novas reflexões.

O lugar para se pensar sobre o envelhecimento e a longevidade é a própria sociedade, que se traduz como termo genérico e que serve, muitas vezes, como espaço de ambiguidade - O que significa? Os problemas sociais parecem soltos e as reflexões, estudos e políticas públicas não se viabilizam na prática. Poderíamos pensar: o termo de modo genérico incluiu todos os cidadãos, ou nenhum. A sociedade é constituída e construída por cada um de nós! Quando colocamos as responsabilidades na sociedade nos livramos do compromisso e peso pessoal, como se ela fosse um espaço externo a nós, e não o que construímos e habitamos!



A Revista Portal de Divulgação, analisada neste recorte por seus editoriais, coloca-se como favorecedora do diálogo social, por meio midiático e livre, trazendo informação, questionando, incitando o debate e assumindo responsabilidade de divulgação qualificada nas questões do envelhecimento e longevidade com vistas a práticas afirmativas.

4. Responsabilidade e Solidariedade

Somos a memória que temos e a responsabilidade que assumimos. Sem memória não existimos, sem responsabilidade talvez não mereçamos existir (SARAMAGO, 1998, p. 237).

A epígrafe que inicia a reflexão sobre essas descobertas indica o caminho que as inspira, e na qual se articulam o ser individual e o ser social, mas que se apresentam distanciados na sociedade de cultura narcísica, na qual o *eu* é prevalente, e o *nós* desprezado; o *ter* é mais que *ser*; o forte sempre é valorizado e a aparência - beleza e juventude – se sobrepõe a outras qualidades. Nela as margens, pobres, velhos, minorias, é mais ampla que o centro que, ironicamente, recebe sempre mais investimentos.

Agrupamos, neste ponto, o que consideramos qualidades e atitudes desenvolvidas, ou a desenvolver, na busca do longeviver de qualidade, conforme indicam os editoriais. São elas: coragem, responsabilidade, solidariedade, cuidado, respeito, olhar sensível, criatividade, integração, aceitação da diversidade, liberdade e ética. Destacamos responsabilidade e solidariedade, aos quais agregamos respeito e cuidado, que se entrelaçam e indicam a perspectiva ética que baseia a publicação. Verificamos que estes são termos muito empregados, mas não os vemos transformadas em ações, promotoras de vida digna para todos os cidadãos, ou seja, o pleno exercício da cidadania – direitos e deveres.

Constatamos que o termo cidadania se transformou, como outros, em uma palavra 'guarda-chuva', que abriga diferentes interpretações, mas expressão vazia de reais significados. Quem é o cidadão que deveria viver na premissa de uma cidadania plena? Segundo as definições de seu uso é “o indivíduo que, como membro de um Estado, usufrui direitos civis e políticos, garantidos pelo mesmo Estado e desempenha os deveres que, nesta condição, lhe são atribuídos [...] goza de direitos constitucionais e respeita as liberdades democráticas” (HOUAISS, 2011, p. 714).

Muito se fala sobre os direitos dos idosos e seu empoderamento, mas se não observados ao longo da vida, como devolver algo que nunca foi pleno, e do qual existe também desconhecimento? As leis existem, mas a realidade aponta sua frágil aplicabilidade. O preconceito e o estigma são ainda fortes marcas sociais, excluindo e colocando à margem todos os diferentes - categorização que inclui os idosos, que não produzem e não existem. Neste panorama onde encontrar o respeito, a aceitação das diferenças e integração?

Verificamos que muitas atitudes fundamentais no trato humano não são observadas, impedindo que os lugares da velhice sejam adequados ao bem estar dos mais longevos. O progresso e avanço científico conquistado nos últimos três séculos é notável, com reflexo em todos os níveis da vida: a medicina e seus recursos tecnológicos cada vez mais sofisticados; o

crescimento e organização das cidades modernas, com infraestruturas consolidadas; o acesso crescente à educação básica e, primordialmente, leis que asseguram direitos democráticos a todos os cidadãos. No entanto, e apesar das conquistas, a desigualdade, regra em séculos passados, ainda persiste.

As leis garantem e normatizam o acesso aos crescentes benefícios sociais, resultados do progresso, especialmente na saúde e assistência social, mas ainda necessitamos de perspectiva educativa em ações concretas no esclarecimento desses direitos, e decorrentes ações.

Em algumas áreas, especialmente nos países em desenvolvimento como o Brasil, temos bolsões de miséria, desrespeito e violências, apesar das leis. A sociedade atual e suas necessidades crescentes de desempenho e crescimento material levaram à construção de um imaginário no qual consumo, poder e força surgem associados, e o progresso material orienta seu cotidiano. E mesmo com as leis, os indivíduos que vão, gradativamente, perdendo poder social em decorrência do envelhecimento, passam a ser vistos com um entrave na manutenção desse imaginário, fortalecido pelas mídias. Eles mostram a outra face do espelho – fragilidades que não se quer ver.

Ao abordar o tema do envelhecimento é comum associar a decorrente fragilidade física, mas podemos verificar essa face ao longo da vida – a fragilização social que se evidencia fortemente quando associada à fragilidade física. Ante essas questões, a responsabilidade, como busca do bem comum, e seu par, a solidariedade, como compromisso de comum, nos encaminham para uma reflexão ampliada.

Uma estratégia de enfrentamento é o saber viver no cuidado – de si e de outros - que abrange mais do que simples atenção - uma atitude de empatia e envolvimento afetivo gerador de solidariedade (BOFF, 1999). O cuidado com e da vida em plenitude pressupõe a fundamental base ética - parte da filosofia que se reflete sobre a ação humana - seja nas relações com os outros ou com a natureza, regendo o comportamento moral, considerado como sistema de normas, princípios e valores - costume, jeito de ser - da vida em sociedade (MARINO JR, 2009; RIOS, 1994). A ética como atitude filosófica, no sentido proposto por Platão, como guia para nossas ações cotidianas – para e da vida.

As políticas públicas foram elaboradas na ideia de cuidar, proteger, amparar. Textos precisos, belas palavras que exprimem comprometimento com o outro. Os profissionais conhecem bem a teoria, mas a prática é distante, sem envolvimento, ou condescendente na pretensa delicadeza. Nas famílias também se observa certo descuido, muitas vezes por impaciência, falta de tempo, de dinheiro e até de desconhecimento, por pouca ou nenhuma orientação. Como afirmam PESSINI e BERTACHINI (2004, p. 1):

Passamos por uma profunda crise de humanismo. Em escala mundial, presenciamos grandes transformações em várias instâncias, tais como econômica, política,

desenvolvimento tecnológico, direitos e deveres dos cidadãos, funções familiares, saúde e sobrevivências de muitos povos entre outras. Da globalização excludente seria possível passar à globalização da solidariedade? O que está acontecendo com as pessoas? Onde está o humano? O simples estar com o outro, a compaixão, a tolerância, a solidariedade se tornaram valores descartáveis que contam pouco ou nada? Até quando?

Essas descobertas não são novas. São as pedras duras do caminho, que machucam e fazem cair e sofrer, mas também sobre as quais devemos caminhar esperando vislumbrar um horizonte inspirador que justifique o percurso.

Parada Estratégica no Caminho – ao meio do percurso



O final do percurso não pode ser aqui descrito porque a meio caminho. Procuramos com os sobrevoos e mergulhos descobrir do que é feito, por meio das pedras-palavras que o pavimentam. Metaforicamente analisamos, ainda de modo incipiente, os editoriais da Revista Portal de Divulgação, nos quais estão registrados alguns dos incontáveis passos que devemos dar, destacando a complexidade dos seres e saberes, os desafios de abertura e democratização do conhecimento, no contexto da sociedade múltipla e informatizada globalmente. Desafio da construção de saberes em processo tendo consciência da complexidade da tarefa, que não paralisa, mas impulsiona, e que fica como marca do acervo analisado. E a responsabilidade de todos pelo caminho a percorrer em direção a um futuro digno e solidário.

Como as gotas de água enchem um copo, como riachos transformam-se em rios caudalosos após as chuvas intensas, assim consideramos esse movimento. Ainda que pensemos apenas no copo, cheio de água, gota a gota, mata a sede, salva uma vida.

Referências

- BARDIN, L. *Análise do Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2002.
- BOFF, L. *Saber cuidar. Ética do humano – compaixão pela terra*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999.
- BRANDÃO, V. M. A.T.; MERCADANTE, E. F. *Envelhecimento ou Longevidade?* São Paulo: Paulus, 2009.
- CAUNE, J. *Cultura e Comunicação. Convergências Teóricas e Lugares de Mediação*. São Paulo: UNESP, 2014.
- FAZENDA, I. *Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa*. São Paulo: Papirus, 2001.
- HAYFLICK, L. *Como e Por Que Envelhecemos*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1996.
- HOUAISS, A. *Dicionário de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- JAPIASSU, H. “A Crise das Ciências Humanas”. In: FAZENDA, I. (org). *A Pesquisa em Educação e as Transformações do Conhecimento*. São Paulo: Papirus, 1995.
- MAY, T. *Pesquisa Social. Questões, métodos e processos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- MARINO JR., R. *Em busca de uma bioética global. Princípios para uma moral mundial e universal e uma medicina mais humana*. São Paulo: Hagnus, 2009.
- MARIOTTI, H. *Organizações de Aprendizagem*. São Paulo: Ed. Atlas, 1999.
- MARTÍN-BARBERO, J. *A Comunicação na educação*. São Paulo: Contexto, 2014.
- LARROSA, J. *Tremores. Escritos sobre a experiência*. Belo Horizonte: Autentica 2015.
- LUDKE, M.; ANDRÉ, M. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.
- PESSINI, L.; BERTACHINI, L. (orgs). *Humanização e Cuidados Paliativos*. São Paulo: Loyola, 2004.

RIOS, T. A. *Ética e Competência*. São Paulo: Cortez, 1994.

SANTOS, B.S. *A Crítica da Razão Indolente*. Contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000.

SCHON, D. A. *Educando o Profissional Reflexivo* – um novo design para o ensino e a aprendizagem. São Paulo: Artmed, 2007.

SARAMAGO, J. *Cadernos de Lanzarote*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998 (2ª reimpressão).

SAVATER, F. *O Valor de Educar*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SERRANO, P. H.. Customização de Interfaces do Public Knowledge Project. XI EVIDOSOL e VIII CILTEC- Online - junho/2014. Disponível em: <http://evidosol.textolivre.org/papers/2014/upload/57.pdf>. Acesso em 30 mai. 2015.

Data de recebimento: 20/07/2017; Data de aceite: 10/08/2017

Vera Maria Antonieta Tordinio Brandão - Pedagoga (USP). Mestre e Doutora em Ciências Sociais – Antropologia (PUCSP). Pós-doutorado em Gerontologia Social (PUCSP). Pesquisadora CNPq (PUCSP). Editora da Revista Portal de Divulgação. E-mail: veratordinobrandao@hotmail.com

Beltrina Côrte - Jornalista, doutorado e pos.doc em Ciências da Comunicação pela USP, docente do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da PUCSP e coordenadora do grupo de pesquisa certificado pelo CNPq Longevidade, Envelhecimento e Comunicação. Integra a Rede Iberoamericana de Psicogerontologia (Redip) e é editora de conteúdo do Portal do Envelhecimento e da Revista Portal de Divulgação. Site: E-mail: beltrina@pucsp.br